



PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE

A faculdade mediúnica pode sofrer perdas e suspensões, na maioria, passageiras, qualquer que seja o tipo de mediunidade de que o médium seja portador. Isso acontece porque a produção mediúnica ocorre através do concurso simpático dos Espíritos: sem eles nada pode o médium; a faculdade continua a existir, em essência, mas os Espíritos não podem ou não querem utilizar-se daquele instrumento mediúnico. (01)

Entendendo a mediunidade como um meio que Deus oferece aos homens, de reforma moral e conseqüente progresso espiritual, os bons Espíritos afastam-se dos médiuns por vários motivos. Relataremos alguns:

a) Quando o médium se serve da faculdade mediúnica para atender a coisas frívolas ou com propósitos ambiciosos e desvirtuados (02)

Como coisas frívolas entendemos, por exemplo, a prática da buena dicha ou dos ledores da sorte. Infelizmente, este desvirtuamento da verdadeira prática mediúnica existe em larga escala e, mais cedo ou mais tarde, tais médiuns terão que prestar contas ao Senhor da aplicação feita dos talentos recebidos.

Os chamados profissionais da mediunidade, não se agastam em receber pagamentos, quer sob a forma de dinheiro, presentes, favores, privilégios ou até mesmo dependência afetiva ou emocional. Recordemos aqui as palavras do Espírito Manoel Philomeno de Miranda “(...) o médium, habituando-se aos negócios e interesses de baixo teor vibratório, embrutece-se, desarmoniza-se. (...)

A mediunidade com Jesus liberta, edifica e promove moralmente o homem, enquanto que, com o mundo, aturde, escraviza a obsidia a criatura. (...)” (08)

b) Quando o médium não aproveita as instruções nem os conselhos que os protetores espirituais propiciam. (02)

O Espírito protetor aconselha sempre para o bem, sugerindo bons pensamentos ou amparando nas aflições o seu tutelado mas, em situação alguma, desrespeita o livre-arbítrio de quem quer que seja. “(...) Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais

forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se á influência dos Espíritos inferiores. Mas, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame. (...)”(06)

§
c) Quando a interrupção demonstra uma prova de benevolência do Espírito protetor para com o médium.
(04)

Nesta situação, há três aspectos a considerar: primeiro, quando o Espírito amigo e protetor quer provar que a comunicação mediúnica não depende dele médium e que, assim, este não se deve vangloriar ou envaidecer. Segundo, quando o médium está debilitado fisicamente e precisa de repouso, Finalmente, em terceiro lugar, a mediunidade pode ser suspensa, temporariamente, quando se fizer necessário pôr à prova a paciência e a perseverança do médium ou lhe dar tempo para meditar nas instruções recebidas dos Espíritos. (04)

Em situações destas, o médium deve buscar na resignação e na prece os recursos para retomar a prática normal da mediunidade. (03)

“(...) — Os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seu fins, o mau servo torna-se indigno da confiança do Senhor da seara da verdade e do amor. Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas; todavia, se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade, da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos.” (11)

* * *

História de Um Médium

As observações interessantes sobre a doutrina dos Espíritos sucediam-se umas às outras quando um amigo nosso, velho lidador do Espiritismo, no Rio de Janeiro, acentuou, gravemente:

— “Em Espiritismo, uma das questões mais sérias é o problema do médium...”

— “Sob que prisma?” — indagou um dos circunstantes. — “Quanto ao da necessidade de sua própria edificação para vencer o meio.”

— “Para esclarecer a minha observação — continuou o nosso amigo —, contar-lhes-ei a história de um companheiro dedicado, que desencarnou, há poucos anos, sob os efeitos de uma obsessão terrível e dolorosa.”

Todo o grupo, lembrando os hábitos antigos, como se ainda estacionássemos num ambiente terrestre, aguçou os ouvidos, colocando-se à escuta:

— “Azarias Pacheco — começou o narrador — era um operário despreocupado e humilde do meu bairro, quando as forças do Alto chamaram o seu coração ao sacerdócio mediúnico. Moço e inteligente, trabalhava na administração dos serviços de uma oficina de consertos, ganhando, honradamente, a remuneração mensal de quatrocentos mil réis.

Em vista do seu espírito de compreensão geral da vida, o Espiritismo e a mediunidade lhe abriram um novo campo de estudos, a cujas atividades se entregou sob uma fascinação crescente e singular.

Azarias dedicou-se amorosamente à sua tarefa, e, nas horas de folga, atendia aos seus deveres mediúnicos com irrepreensível dedicação. Elevados mentores do Alto forneciam lições proveitosas, através de suas mãos. Médicos desencarnados atendiam, por ele, a volumoso receituário.

E não tardou que o seu nome fosse objeto de geral admiração.

Algumas notas de imprensa evidenciaram ainda mais os seus valores medianímicos e, em pouco tempo, sua residência humilde povoava-se de caçadores de anotações e de mensagens. Muitos deles diziam-se espíritas confessos, outros eram crentes de meia convicção ou curiosos do campo doutrinário.

O rapaz, que guardava sob a sua responsabilidade pessoal numerosas obrigações de família, começou a sacrificar primeiramente os seus deveres de ordem sentimental, subtraindo à esposa e aos filhinhos as horas que habitualmente lhes consagrava, na intimidade doméstica.

Quase sempre cercado de companheiros, restavam-lhe apenas as horas dedicadas à conquista de seu pão cotidiano, com vistas aos que o seguiam carinhosamente pelos caminhos da vida.

Havia muito tempo que perdurava semelhante situação, em face de sua preciosa resistência espiritual, no cumprimento de seus deveres.

Dentro de sua relativa educação medianímica, Azarias encontrava facilidade para identificar a palavra de seu sábio e incansável guia, sempre a lhe advertir quanto à necessidade de oração e de vigilância.

Acontece, porém, que cada triunfo multiplicava as suas preocupações e os seus trabalhos.

Os seus admiradores não queriam saber das circunstâncias especiais de sua vida.

Grande parte exigia as suas vigílias pela noite a dentro, em longas narrativas dispensáveis. Outros alegavam os seus direitos às exclusivas atenções do médium. Alguns acusavam-no de preferências injustas, manifestando o gracioso egoísmo de sua amizade, expressando o ciúme que lhes ia n'alma, em palavras carinhosas e alegres. Os grupos doutrinários disputavam-no.

Azarias verificou que a sua existência tomava um rumo diverso, mas os testemunhos de tantos afetos lhe eram sumamente agradáveis ao coração.

Sua fama corria sempre. Cada dia era portador de novas relações e novos conhecimentos.

Os centros importantes começaram a reclamar a sua presença e, de vez em quando, surpreendiam-no as oportunidades das viagens pelos caminhos de ferro, em face da generosidade dos amigos, com grandes reuniões de homenagens, no ponto de destino. A cada instante, um admiradora assaltava:

— “Azarias, onde trabalha você?..”

— “Numa oficina de consertos.”

— “Oh! oh!... e quanta ganha por mês?”

— “Quatrocentos mil réis.”

— “Oh! mas isso é um absurdo... Você não é criatura para um salário como esse! Isso é uma miséria!...”

Em seguida outros ajuntavam:

— “O Azarias não pode ficar nessa situação. Precisamos arranjar-lhe coisa melhor no centro da cidade, com uma remuneração á altura de seus méritos, ou, então, poderemos tentar-lhe uma colocação no serviço público, onde encontrará mais possibilidades de tempo para dedicar-se à missão...”

O pobre médium, todavia, dentro de sua capacidade de resistência, respondia:

— “Ora, meus amigos, tudo está bem. Cada qual tem na vida o que mereceu da Providência Divina e, além de tudo, precisamos considerar que o Espiritismo tem de ser propaga-

do, antes do mais, pelos Espíritos e não pelos homens!...”

Azarias, contudo, se era médium, não deixava de ser humano.

Requisitado pelas exigências dos companheiros, já nem pensava no lar e começava a assinalar na sua ficha de serviços faltas numerosas.

A princípio, algumas raras dedicações começaram a defendê-lo na oficina, considerando que, aos olhos dos chefes, suas falhas eram sempre mais graves que as dos outros colegas, em virtude do renome que o cercava; mas, um dia, foi ele chamado ao gabinete de seu diretor, que o despediu nestes termos:

— “Azarias, infelizmente não me é possível conservá-lo aqui, por mais tempo. Suas faltas no trabalho atingiram o máximo e a administração central resolveu eliminá-lo do quadro de nossos companheiros.”

O interpelado saiu com certo desapontamento, mas lembrou-se das numerosas promessas dos amigos.

Naquele mesmo dia, buscou providenciar para uma nova colocação, mas, em cada tentativa, encontrava sempre um dos seus admiradores e conhecidos que obtemperava:

“Ora, Azarias, você precisa ter mais calma!... Lembre-se de que a sua mediunidade é um patrimônio de nossa Doutrina... Sossegue, homem de Deus!... Volte a casa e nós todos saberemos ajudá-lo neste transe.”

Na mesma data, ficou assentado que os amigos do médium se cotizariam, entre si, de modo que ele viesse a perceber uma contribuição mensal de seiscentos mil réis, ficando, desse modo, habilitado a viver tão somente para a Doutrina.

Azarias, sob a inspiração de seus mentores espirituais, vacilava ante a medida, mas à frente de sua imaginação estavam os quadros do desemprego e das imperiosas necessidades da família.

Embora a sua relutância íntima, aceitou o alvitre.

Desde então, a sua casa foi o ponto de uma romaria interminável e sem precedentes. Dia e noite, seus consulentes estacionavam à porta. O médium buscava atender a todos como lhe era possível. As suas dificuldades, todavia, eram as mais prementes.

Ao cabo de seis meses, todos os seus amigos haviam esquecido o sistema das cotas mensais.

Desorientado e desvalido, Azarias recebeu os primeiros dez mil réis, que uma senhora lhe ofereceu após o receiptuário. No seu coração, houve um toque de alarma, mas o seu organismo estava enfraquecido. A esposa e os filhos estavam repletos de necessidades.

Era tarde para procurar, novamente, a fonte do trabalho. Sua residência era objeto de uma perseguição tenaz e implacável. E ele continuou recebendo.

Os mais sérios distúrbios psíquicos o assaltaram.

Penosos desequilíbrios íntimos lhe inquietavam o coração, mas o médium sentia-se obrigado a aceitar as injunções de quantos o procuravam levianamente.

Espíritos enganadores aproveitaram-se de suas vacilações e encheram-lhe o campo mediúnico de aberrações e descontroles.

Se as suas ações eram agora remuneradas e se delas dependia o pão dos seus, Azarias se sentia na obrigação de prometer alguma coisa, quando os Espíritos não o fizessem. Procurado para a felicidade no dinheiro, ou êxito nos negócios ou nas atrações do amor do mundo, o médium prometia sempre as melhores realizações, em troca dos míseros mil réis da consulta.

Entregue a esse gênero de especulações, não mais pode receber o pensamento dos seus protetores espirituais mais dedicados.

Experimentando toda sorte de sofrimentos e de humilhações, se chegava a queixar-se, de leve, havia sempre um cliente que lhe observava:

— “Que é isso, “seu” Azarias? O senhor não é médium? Um médium não sofre essas coisas!...”

Se alegava cansaço, outro objetava, de pronto, ansioso pela satisfação de seus caprichos.

— “E a sua missão, seu Azarias?... Não se esqueça da caridade!...”

E o médium, na sua profunda fadiga espiritual, concentrava-se, em vão, experimentando uma sensação de angustioso abandono, por parte dos seus mentores dos planos elevados.

Os mesmos amigos da véspera piscavam, então, o olhos, falando, em voz baixa, após as despedidas:

— “Você já notou que o Azarias perdeu de todo a mediunidade?...” — dizia um deles.

— “Ora, isso era esperado — redarguia-se —, desde que ele abandonou o trabalho para viver à custa do Espiritismo, não podíamos aguardar outra coisa.”

“Além disso exclamava outro do grupo — todos os vizinhos comentam a sua indiferença para com a família mas, de minha parte, sempre vi no Azarias um grande obsidiado.”

“O pobre do Azarias perverteu-se — falava ainda um companheiro mais exaltado e um médium nessas condições é um fracasso para a própria Doutrina...”

— “E por essa razão que o Espiritismo é tão incompreendido! — sentenciava ainda outros — Devemos tudo isso aos maus médiuns, que envergonham os nossos princípios.”

Cada um foi esquecendo o médium, com a sua definição e a sua falta de caridade. A própria família o abandonou à sua sorte, tão logo haviam cessado as remunerações.

Escarnecido em seus afetos mais caros, Azarias tornou-se um revoltado.

Essa circunstância foi a última porta para o livre ingresso das entidades perversas que se assenhorearam de sua vida.

O pobre náufrago da mediunidade perambulou na crônica dos noticiários, rodeado de observações ingratas e de escandalosos apontamentos, até que um leito de hospital lhe concedeu a bênção da morte...”

O narrador estava visivelmente emocionado, rememorando as suas antigas lembranças.

— “Então, quer dizer, meu amigo— observou um de nós —, que a perseguição da polícia ou a perseguição do padre não são os maiores inimigos da mediunidade...”

— “De modo algum — replicou ele, convicto. — O padre e a polícia podem até ser os portadores de grandes bens.”

E, fixando em nós outros o seu olhar percuciente e calmo, rematou a sua história, sentenciando gravemente:

— “O maior inimigo dos médiuns está dentro de nossos próprios muros!...”

(Recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em 29 de Abril de 1939.)

Xavier, Francisco Cândido. In: Novas Mensagens. Pelo Espírito Humberto de Campos. 6ª ed. Rio [de Janeiro]: FEB; 1978. Págs. 39 a 48.

* * *

FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Da formação dos médiuns. In:_. O Livro dos Médiuns. Trad. De Guillon Ribeiro. 61. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Questão 220, pág. 259.
- 02 - Questão 220, item 32, pág. 260.
- 03 - Questão 220, item 72, pág. 261.
- 04 - Questão 220T item 42, pág. 260. 05. Questão 220, item 8, pág. 261.
- 06 - O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1994. Questão 495, págs. 256 a 258.
- 07 - FRANCO, Divaldo Pereira. Amarga aventura. In:_. Depois da Vida. Diversos Espíritos, Salvador, BA: Alvorada. 1984. Págs. 123 a 128.
- 08 - Profissionalismo na mediunidade. In:_. Seara do Bem. Espíritos diversos. 2. ed. Salvador, BA: Alvorada. 1988. Págs.55-56.
- 09 - XAVIER, Francisco Cândido. Adivinhações. In:_. Encontro Marcado. Pelo Espírito Emmanuel. 3. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1978. Págs. 28 a 30.
- 10 - O Consolador Ditado pelo Espírito Emmanuel. 17. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Questões 402-411, págs. 223 a 229.
- 11 - Questões 389, pág. 216.
- 12 - História de um médium. In:_. Novas Mensagens. Pelo Espírito Humberto de Campos. 6. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1978. Págs. 39 a 48.
- 13 - Mediunidade transviada. In:_. Nos Domínios da Mediunidade. Ditado pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Págs. 251 a 257.
- 14 - Médiuns transviados. In:_. Seara dos Médiuns. Pelo Espírito Emmanuel. 3. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1978. Págs. 207-208.